

‘Há risco de recessão a médio prazo’

■ Paulo Cunha reclama que empresários são responsabilizados pelos males do país e pede políticas para a produção e o emprego

LAURO JARDIM E
CLAUDIA DE SOUZA

Quem poderia hoje estar tocando a dura tarefa de dar jeito na economia do país é um engenheiro carioca de 53 anos de gestos contidos, fala mansa e preocupação quase obsessiva com temas como política industrial e emprego. Bastava que Paulo Cunha, presidente do grupo Ultra (faturamento anual de US\$ 700 milhões) tivesse aceito o convite feito em 1993 pelo presidente Itamar Franco para que ocupasse o Ministério da Fazenda. Na ocasião, antes de Fernando Henrique Cardoso comandar a economia do país, Itamar convidou o empresário numa conversa de 60 minutos no Palácio do Planalto. Paulo Cunha recusou. Argumentou que não era conveniente um empresário na Fazenda naquele momento.

Para ele, um empresário não teria articulação no Congresso para lançar um plano de estabilização. Ou seja, via uma dificuldade insuperável em trabalhar para um governo que culpa o tempo todo o empresariado pela inflação. “O único responsável pela inflação é o governo”, defende o empresário.

Paulo Cunha acha que o Plano Real vai bem, “mas gostaria de ver uma preocupação maior com a questão da produção e do emprego”. O assunto é caro ao empresário. Há cinco anos fundou e preside o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), que reúne 30 empresários de grande porte e discute propostas de política industrial para o país. Outro integrante do conselho do Iedi conta que numa das últimas reuniões constatou-se que os cinco industriais que participavam haviam demitido 25 mil pessoas desde 1990.

As sugestões do Iedi não têm sido discutidas como Cunha gostaria. Ele credita à “deterioração do diálogo do governo com os empresários”, que são responsabilizados por todos os males do país. Uma característica típica de “um país adolescente: que passa de 8 a 80 com grande desembaraço”.

■ **Recessão** — “Não vejo possibilidade a curto prazo. O risco é a médio e longo prazos. É preciso produzir com a maior rapidez possível. E isso só será possível no próximo governo.”

■ **Plano Real** — “A minha avaliação é muito positiva. A população vem dando demonstrações crescentes e intensas de grande bom senso. Ninguém saiu comprando. Enfim, houve adesão. Mas aqui se discute um plano como uma coisa definitiva, imutável. E as coisas não são assim. Na verdade, um programa como este é muito mais um processo de administração continuada. E, sobretudo, gostaria de ver, logo à frente, uma preocupação maior com a questão da produção no Brasil. Nós perdemos esta visão da produção e o seu valor. Isso se esgotou com o último plano de desenvolvimento da década de 70.”

■ **Inflação** — “O governo sempre foi o maior inimigo da estabilização. O Brasil é o único país em que ainda se discute se inflação é responsabilidade dos empresários, dos salários, dos juros. Em todo lugar do mundo se sabe, desde a Idade Média, que o único responsável pela inflação é o governo. De resto, existem problemas adicionais: o comportamento inflacionário adquirido pelos brasileiros, por exemplo. O brasileiro tem embutido no seu DNA, por exposição a tantos anos de inflação, um comportamento inflacionário. Então, vêem-se setores empresariais negociando acordos salariais com gatilhos, alguns tribunais e juntas de julgamentos de dissídios trabalhistas ainda com comportamento inflacionário numa tentativa de reindexação precoce da economia. Mas o inimigo fundamental é o governo.”

■ **Estabilização x política industrial** — “Todo programa em seu momento mais crítico tem que dar prioridade quase absoluta à questão da estabilização, sem considerar outros problemas estruturais. Neste sentido, o plano é antagônico a um processo de uma política industrial. Mas a questão vai reaparecer com grande intensidade a partir da consolidação da estabilização quando, em 1995, se introduzir o emprego como questão fundamental.”

■ **Liberalização das importações** — “Andamos de uma maneira desequilibrada. Se supõe que uma política industrial é produzir uma indústria maior e melhor. Isso não aconteceu. Então, neste sentido, a política foi falha. Em setores da indústria, aumentou-se grandemente a produtividade, a qualidade dos produtos. Neste sentido teve sucesso. Na sua articulação global, com políticas macroeconômicas, que garantissem o crescimento da indústria foi um claro insucesso. A questão da abertura da economia tem sido discutida de maneira religiosa, apaixonada. Quem critica é logo taxado de retrógrado, saudosista, protecionista. É um debate que tem sido

PRINCIPAIS PONTOS

São Paulo — Carlos Goldgrub



Cunha: preocupação daqui para a frente deve ser com a produção

pobre. A indústria não é uma flor do deserto, é uma criação do homem e precisa de uma estufa. Todos os países cuidam do seu ecossistema industrial. Não se consegue conceber os EUA sem a IBM, GM, Boeing ou o Japão sem a Sony ou a Toyota.”

■ **Preconceito** — “Tenho me preocupado com a deterioração do diálogo entre empresários e governo. As discussões acabam sendo tensionadas neste momento político. Em casa onde o co-bertor está curto e todos gritam, ninguém tem razão. E tem se observado a tendência de se jogar nos outros a culpa pelos problemas brasileiros. Os empresários são responsabilizados pelo governo por todos os males do Brasil. E vice-versa. O Brasil tem todas as características de um país adolescente: passa do oito para oitenta com grande desembaraço.”

■ **Retomada** — “Não quero me atrever a dizer quando será retomado o crescimento econômico. Num primeiro instante, vamos ter algum aquecimento no segundo semestre em função de ganhos maiores pelo processo de estabilização. Em contrapartida, o crescimento definitivo vai depender de como se estrutura a questão cambial no que afeta as exportações e importações. E da capacidade do setor produtivo de reagir a isso. Juros e capital são insumos fundamentais da produção. E temos convivido aqui com juros reais sem paralelos.”